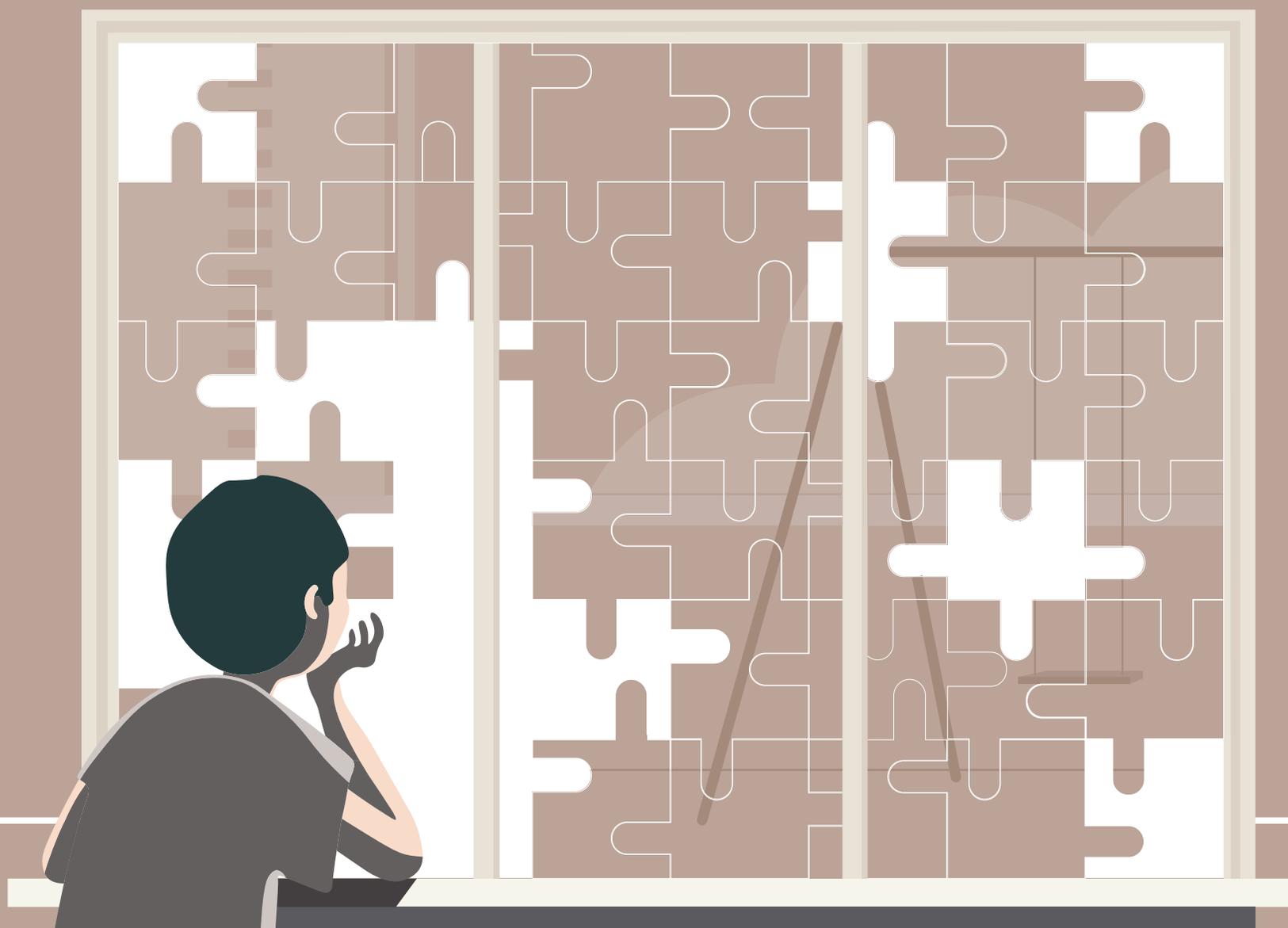




# MANIFESTO

GRUPO AMBIENTE-EDUCAÇÃO



# MANIFESTO

GRUPO AMBIENTE-EDUCAÇÃO





**Na tradição dos manifestos, que procuram tornar pública uma opinião ou denúncia, o Grupo Ambiente e Educação (GAE - PROARQ/FAU/UFRJ), permanentemente sensível aos temas que relacionam infância, educação, ambiente construído e cidade, procura nestes textos indicar pontos importantes para reflexão no âmbito das sociedade civil, poderes públicos, academia, coletivos e atores sociais dos mais diversos grupos acerca das consequências da pandemia e da pós-pandemia. Este manifesto é apenas um ponto de partida em direção aos movimentos que também experimentam agora um período de pausa, articulam reflexões. Não pretende ser voz unívoca sobre o interesse das crianças neste contexto de crise sanitária e humanitária, pelo contrário. Corresponde ao compromisso ético da academia, de um grupo de pesquisa, que com sua composição diversa e histórico investigativo, procura contribuir para o debate e mobilização de diferentes agentes e forças no sentido de minimizar os efeitos das referidas crises, mas para além disto, instigar o pensar em outros modelos em que as infâncias sejam incorporadas, ouvidas, assistidas e promovidas em seus direitos.**

## Educação, escolas, cidade e infância no contexto da pandemia

O momento atual nos inquieta, aflige e instiga à necessárias e incômodas reflexões... certamente não sairemos mais os mesmos após quase 100 dias de isolamento social e quarentena. Afinal, somos seres sociais e precisamos do outro para dialogar, crescer e motivar.

O que dizer então das crianças que abruptamente tiveram retirados do seu cotidiano o convívio social, a escola, os amigos, a liberdade, o perambular pela cidade? E foi tirada também a rotina. Como lidar com a educação quando a casa agora se transforma em escola?

São tempos desafiadores. Mais desafiador ainda ao pensar nas vulnerabilidades e desigualdades socioeconômicas, pois o vírus evidencia ainda mais as precariedades e a pandemia só realçou aquilo que há muito conhecemos: a desigualdade social. E dessa infância também foram retiradas a alimentação, os cuidados básicos, a assistência social.

As políticas públicas de educação estão muito preocupadas com a defasagem na formação e os conteúdos que precisam ser transmitidos, gerando estresse nos professores e gestores que precisam se adequar e ressignificar ao novo modo de educar. Distante, sem interação presencial, e o pior tendo a consciência que *muitos estão sendo deixados para trás*, pois não têm acesso à tecnologia e aos recursos necessários.

Embora tenhamos consciência que muitos sempre foram deixados para trás quando naturalizamos a imensa desigualdade que sempre existiu - afinal estar invisibilizada sempre foi condição inerente à infância pobre, há um esforço louvável por parte dos professores em estabelecer algum tipo de conexão com seus estudantes.

A questão é que “passar o conteúdo” se sobre-

põe de forma cruel à realidade social e emocional de professores e estudantes. Será que alguém já perguntou às crianças como elas estão se sentindo nesse momento? Será que elas de fato entendem o motivo de tantas mudanças na rotina por causa da Covid-19? Ou mais grave ainda, além da questão tecnológica, a grande maioria não consegue ter um ambiente propício para estudar, seja por precariedade do espaço - muitas vezes em condições de insalubridade, subdimensionamento, falta de privacidade ou pelas condições emocionais a que estão submetidos, como a violência doméstica. Ao pensar no contexto do aprendizado das crianças das classes desfavorecidas, não é possível descolar do contexto da família, com situações de desemprego, perdas econômicas ou mesmo perdas por morte de algum familiar...

Por outro lado, talvez o momento possa resgatar a valorização da escola enquanto instituição e equipamento social e sua representatividade no bairro possa ser incrementada; da mesma forma, também os professores e sua atuação possam ser mais valorizados. A falta da escola tem impactado bastante as famílias e os estudantes, seja pela falta da rotina, pelo receio da defasagem no aprendizado, pela sobrecarga das atividades que agora a família precisa dar conta para auxiliar as crianças, seja ainda pela assistência de aspectos básicos como a alimentação ou por ser muitas vezes a rara oportunidade de vivenciar a cultura, o esporte e as atividades de lazer.

Os diversos contextos existentes e a precarização das condições de vida com a marca da desigualdade a nos assombrar, irão traçar as condições de vivência desse isolamento. E os efeitos certamente serão assustadores. Os mais atingidos são as famílias em situação de risco e vulnerabilidade, que vi-



Fonte: Acervo GAE (2018)

vem em lugares onde não há saneamento básico, a água não chega todos os dias para lavarem as mãos; onde o álcool gel é item de luxo; onde ficar em casa ameaça a segurança financeira e as relações de trabalho precarizadas. Educar não é tarefa fácil; exige presença, tempo, energia, disposição física e mental para responder proposições, lidar com inquietações...e em apenas um cômodo e em um contexto

de escassez em todos os níveis, a atividade certamente irá exigir muito mais das famílias.

Trancados em nossas casas, ansiamos por viver um tempo outro. E essa talvez seja a oportunidade de pensar também em uma escola outra e em espaços de aprendizagem outros...uma escola que se conecte com os diferentes contextos, que reconheça as diferentes infâncias e as diferentes possibilidades do usufruto dos espaços livres. Sim, porque em tempos outros, pós-pandemia, precisaremos de ar, de sol, de vento, de verde, de perambular e descortinar as oportunidades educativas que espaços outros na cidade podem oferecer.

No retorno pós-pandemia há de se pensar menos na defasagem do conteúdo e mais nas condições sócio-emocionais dos estudantes. Talvez seja o momento também da escola se reinventar, entendendo a criança como um sujeito sócio-histórico e sujeito de direitos e assim questões como solidariedade, respeito, desigualdade, o que é ficar em isolamento, o que é o vírus, a higiene, a importância da qualidade ambiental, do lixo, do espaço público precisam ser evidenciadas e discutidas nesse tempo outro que virá... não sabemos exatamente quando, mas deveríamos estar nos preparando pra isso.

*Giselle Arteiro*

“

**Trancados em nossas casas, ansiamos por viver um tempo outro. E essa talvez seja a oportunidade de pensar também em uma escola outra e em espaços de aprendizagem outros...uma escola que se conecte com os diferentes contextos, que reconheça as diferentes infâncias e as diferentes possibilidades do usufruto dos espaços livres. Sim, porque em tempos outros, pós-pandemia, precisaremos de ar, de sol, de vento, de verde, de perambular e descortinar as oportunidades educativas que espaços outros na cidade podem oferecer.**

## Oportunidade desperdiçada

As primeiras escolas nos moldes atuais, com crianças nas carteiras e professores em salas de aula, surgiram na Europa no Século XII. Há muito se debate a ineficiência desse modelo de escola na sociedade contemporânea. Com o acesso facilitado à informação, o modelo conteudista - baseado na transferência de conhecimento do professor para o aluno - já não faz mais sentido. Habilidades como criatividade, relacionamento e inteligência emocional são apontadas como os novos “saberes” a serem desenvolvidos na escola. Apesar do debate, pouco se observou de mudanças efetivas nas rotinas escolares. Recentemente, o mundo vive uma situação sem precedentes: a pandemia da Covid-19. Do dia para a noite, escolas em todo o mundo interromperam suas atividades presenciais para atender ao distanciamento social imposto pelo Corona Vírus.

Apesar de todos os aspectos negativos da pandemia, por um breve momento foi possível acreditar que estávamos diante de uma oportunidade de reinvenção da escola. Passados 100 dias desde a interrupção do funcionamento das escolas, é triste perceber que essa oportunidade parece nos escorrer pelas mãos. Reproduz-se agora no ambiente virtual, exatamente o mesmo modelo - ineficiente - do ambiente físico. Nas salas de aula do “google classroom” o professor fala enquanto os alunos ouvem com o microfone no silencioso. Até mesmo o recurso de “levantar a mão” para falar foi reproduzido e as conversas paralelas entre os alunos - proibidas - são realizadas de forma rebelde pelos alunos usando o chat.

É muito dasanimador perceber que nem mesmo esse acontecimento surreal, que alterou as relações de trabalho e de consumo, foi capaz de romper a inércia do modelo de escola que perdura desde o



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Saladeaula\\_itapevi.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Saladeaula_itapevi.jpg)

século XII. *Se não uma pandemia, o que terá a capacidade de promover as tão necessárias mudanças?*

A não escuta das crianças é outra realidade que segue o padrão histórico. Será que elas foram ouvidas sobre o que pensam de ir à escola sem sair de casa? E que casa? Ficar em casa não é uma alternativa para quem não tem uma. E mesmo para quem tem, a vida escolar será diferente para quem tem um quarto e um computador só para si ou para quem divide o celular e a casa de um único cômodo sem janela com mais seis pessoas. O ensino a distância evidencia as desigualdades sociais ao levar

para a escola as diferentes realidades das moradias. Apesar dos problemas, a escola presencial é um ambiente democrático, onde todos têm acesso ao mesmo espaço e materiais. É importante ficar claro que esse texto não é, de forma alguma, uma crítica aos educadores, já tão sobrecarregados no contexto normal, e agora desafiados pelas novas demandas da escola virtual, que reproduz e acentua os problemas da escola tradicional.

*Flávia Lima*

## ***A infância e a pandemia***

O mundo cor de rosa de Tonucci ou a visão cruel e real de Boaventura? Pra que lado correr?

Em meio a tantos dias de confinamento, creio que precisamos nos agarrar a uma verdade e aceitarmos os desafios que a pandemia nos impõe como cidadãos, professores, colegas, pais e filhos.

Afinal, mesmo nos forçando a um mundo offline de más notícias, não tem como não sermos abatidos pela crueldade devastadora que vem assolando as nações ao longo do ano de 2020. Inúmeras vidas ceifadas. Mais de 65.000 famílias perderam seus entes. E o que falar então do cenário político-econômico do nosso país? Conflitos intermináveis, desespero, miséria. A lista de elementos ruins parece não ter fim.

E, no meio de tudo isso, estão as crianças: muitas ainda não conseguem interpretar a precária situação atual a qual estamos vivenciando, ainda não se deram conta que o eterno convívio com os pais e/ou cuidadores e as brincadeiras sem fim mascaram um cenário de extrema incredulidade e incertezas sobre o mundo lá fora. Falo pela minha recém experiência como mãe. Tentar fingir naturalidade enquanto um bebê nasce nesses tempos sombrios é algo difícil, quase surreal. Pessoas utilizando máscaras, ruas desertas e até mesmo a ausência do contato físico entre pessoas próximas é quase um cenário de um filme apocalíptico.

Ainda sim sinto-me privilegiada, acreditando nas nuances cor-de-rosa de Tonucci e que todo esse confinamento será algo passageiro. Vai passar! Embora a cada ida necessária à rua me faça entristecer, ao ver situações perfeitamente destrinchadas por Boaventura: miséria, fome e desemprego estão a metros de distância, no semáforo, nas esquinas.

E, por mais que a condição das famílias brasilei-

ras seja tão heterogênea e, talvez, o fator que mais pese em um confinamento de meses, é a escolha de nosso comportamento mediante as adversidades que devemos nos atinar. Afinal, a qualidade do pensamento está diretamente relacionada com a saúde mental (nossa e das pessoas de nosso convívio, seja esse presencial ou virtual). Embora Boaventura esteja cercado de fundamentos plausíveis sobre a realidade da vida pandêmica, prefiro continuar vivendo sob a ótica lúdica e sensível de Tonucci... ao menos assim, os dias têm se tornado um pouco mais fáceis como mãe, esposa, filha, irmã, amiga, arquiteta e educadora.

Que saibamos conduzir nossos dias do modo mais leve possível. Quem sabe assim a gente consiga influenciar aqueles que estão à beira do abismo de seus pensamentos mais sombrios?

*Juliana Mara B. M. Hybiner*

## Uma pandemia, vários efeitos — a educação para diversas infâncias

Escrevo essa reação em reclusão quase total. Não lembro mais quando foi a última vez que fui lá fora, além do quintal da minha casa. Tudo que sei sobre o que acontece do lado de lá vem através dos meus poucos familiares que convivem comigo, ou a partir do que escuto no noticiário. No que pese o tom mais duro dos telejornais, penso que é fundamental nos informarmos sobre o que eles denominam como “novo normal”, e confesso que tenho minhas dúvidas acerca do futuro. Um dia a pandemia vai passar, creio nisso, torço por isso, penso todos os dias como será o amanhã e espero que chegue logo! Quem seremos nessa nova realidade? Não sei! Espero que sejamos melhores, menos egoístas, quem sabe...

Parece um clichê escrever tais coisas, mas quero aproveitar o gancho para desconstruir um pouco essa “dificuldade” causada pela pandemia. É bem verdade que somos seres sociais, precisamos do contato com o outro, de redes de sociabilidade, trocar ideias, afetos, sentimentos. Cada pessoa é diferente e tem suas particularidades, o que é muito bom! Portanto, vou fazer um relato estritamente pessoal. Sinto falta de ver pessoas, a saudade é dura! No entanto, enquanto escrevo isso, percebo como estou protegido: tenho casa, uma família presente, uma situação financeira que permite uma reclusão de certo modo mais confortável, tenho acesso às redes sociais para poder gastar livremente, seja com entretenimento, ou para aprender alguma coisa nova, um curso, leio livros, testo novas receitas, faço exercícios físicos, entre outras coisas. Ou seja, faço o que posso, reconheço meus privilégios e ainda reclamo! Que egoísta!

Outro dia, liguei a televisão e vi uma reportagem que mostrava as dificuldades de algumas famílias mais pobres para se protegerem da contamina-



Ilustração: Rafael Diniz (2020)

ção da Covid-19. O repórter questionou uma mãe de família sobre quais eram as medidas que ela tomava para evitar o contágio do vírus, diante da situação que ela vivia. Tal mãe respondeu com outro questionamento: “o que posso fazer se nem água a gente tem aqui, muito menos sabonete para lavar as mãos?” Outro momento, ainda na mesma repor-

tagem, os filhos daquela mãe apareciam brincando no quintal, aparentemente com certa normalidade. O repórter tornou a perguntar: “como as crianças estão lidando com o período da pandemia, sem as aulas? Elas estão estudando de alguma forma?” Ao que a mãe respondeu algo como: “é difícil essa situação, sem aulas, porque dificulta tudo! Não tenho com quem deixar meus filhos em casa para poder trabalhar, fora que a merenda escolar ajudava bastante na alimentação deles. Sem a escola, o jeito é levá-los comigo quando preciso sair pra vender balas e trazer algum dinheiro pra casa...”

Nesse momento, comecei a pensar que se a situação de muitas famílias já era difícil antes da pandemia, agora deve ser triplamente pior! Essa reportagem antecedeu a leitura dos artigos de Tonucci (2020) acerca da casa como um lugar de brincadeiras e o tempo da pandemia como uma lição de casa. Lembro que fiquei incomodado. Li os textos tentando imaginar como aquela mãe da reportagem citada leria. Sim, foram boas dicas, criativas, produtivas e simples de colocar em prática, porém não contemplava a realidade das crianças que vivem contextos onde os reflexos da pandemia são mais duros. Como pensar sobre o tempo livre para a educação de tais crianças, para brincadeiras e inventividades, quando os pais ou responsáveis estão muito mais preocupados com a sobrevivência minuto após minuto? Como tornar a casa um lugar de múltiplas aprendizagens, quando muitas famílias possuem lares pequenos e sem estrutura suficiente para desenvolver a educação das crianças? Questões complexas de serem respondidas...

Penso que Tonucci não tinha o objetivo de responder, ou de propor estratégias para que todas as famílias consigam enfrentar o problema da educa-

ção das crianças ao redor do mundo em tempos de pandemia. Certamente ele se direcionava a um nicho, um público específico, que também tem seus problemas, e que vai fazer bom uso de suas técnicas. A minha inquietação é sobre as outras camadas da sociedade. Como pensar a educação de crianças em contextos de vulnerabilidade social, potencializados pela pandemia? Como pensar/agir sobre tempos e espaços mais restritos dessas infâncias? Como pensar os processos educativos mais eficazes que não valorizam somente os conteúdos e sim o aprendizado desses alunos? Quem vai olhar para as dificuldades dos pais ou responsáveis dessas crianças que precisam pensar no seu sustento imediato? Como pensar a educação para famílias que não têm

acesso à internet, ou que não conseguem acompanhar os ensinamentos dos professores à distância? Quem vai ter empatia com esse setor da sociedade que mais sofre com toda essa situação? Mais questões complexas de serem respondidas...

Ainda não sei responder esses questionamentos. Acredito que nós, pesquisadores do GAE, precisamos, mais do que nunca, voltar o nosso olhar para essas realidades, que são múltiplas e muitas vezes perversas. Penso que temos que construir esse debate mais contextualizado, principalmente porque vivemos em um país onde o peso das desigualdades sociais é cada vez maior, onde a pandemia só fez colocar uma lente em diversos problemas. Podemos sim estudar as referências externas, os olhares múltiplos, outras realidades, outras infâncias, dialogar, aprender com elas, construir aprendizagens. No entanto, penso também que devemos, sobretudo, voltar o nosso olhar para esses contextos infelizmente tão nossos. Esse “choque de realidade” é necessário e creio que nos fará pessoas e pesquisadores melhores, mais responsáveis e empáticos! Por fim, desejo que tudo passe logo, que eu possa rever vocês, meus queridos amigos, que possamos nos reunir novamente no nosso lugar, repleto do nosso calor humano, dos melhores sentimentos! Enquanto tudo isso não passa, faço um apelo à nossa consciência: sejamos menos egoístas e agradeçamos à vida!

*Rafael Diniz*

“

**Acredito que precisamos, mais do que nunca, voltar o nosso olhar para essas realidades, que são múltiplas e muitas vezes perversas. Penso que temos que construir esse debate mais contextualizado, principalmente porque vivemos em um país onde o peso das desigualdades sociais é cada vez maior, onde a pandemia só fez colocar uma lente em diversos problemas. Esse “choque de realidade” é necessário e creio que nos fará pessoas e pesquisadores melhores, mais responsáveis e empáticos!**

## Qual significado da escola pública em meio a uma crise epidemiológica e econômica?



Fonte: Acervo fotográfico Bruno Itan / Projeto Olhar Complexo .

É importante refletir sobre os diversos papéis que a escola pública revelou ter para sociedade brasileira no momento de crise global devido a pandemia do Covid-19. Desde o papel de assistencialismo, existente na sua estrutura e concepção, atribuído tanto pelo provimento de alimentação, abrigo e cuidado de crianças, até quanto sua existência como um dos poucos equipamentos de médio e grande porte em tantas comunidades e bairros periféricos nas cidades brasileiras.

Essa importância social também foi reconhecida pelos gestores públicos durante a pandemia, pois possibilitou também abrigar pessoas em situ-

ações de rua ou servir de apoio aos equipamentos de saúde lotados em alguns municípios brasileiros. Espera-se assim, que após pandemia passar, esse reconhecimento ainda continue e existam mais iniciativas para ampliar os investimentos nas políticas públicas de melhoria na educação básica.

Acredita-se que a busca por soluções de continuidade das aulas para as crianças por modo remoto, em meio a uma crise epidemiológica e econômica, homogeneizando o perfil dos alunos, revele uma visão elitista do acesso ao ensino. Se por um lado, as aulas virtuais serviram para mostrar que a escola transpõe o ambiente físico institucional, contando

com os esforços e boa vontade dos pais e professores em tornar essa estratégia possível, por outro lado, apontaram falhas graves do ensino, como a desconsideração pelos gestores públicos sobre as desigualdades socioeconômicas entre alunos de uma mesma escola.

Espera-se que essas séries de reclusões, adaptações e privações aos ambientes construídos das escolas possibilite à comunidade escolar uma revisão do sentido de escolarização propriamente dito. Com isso, pergunta-se: Como será a nova escola após a pandemia? principalmente as escolas públicas com superlotação das salas de aula e poucas estratégias que valorizem ventilação natural, espaços livres de uso comum e distanciamento dos alunos?

Após esse debate, que provocou uma reflexão sobre o quão longe a sociedade brasileira se encontra de um pleno exercício de direito à cidade pautado de forma democrática (Lefebvre, 1969), espera-se ampliar a discussão sobre o habitar da infância na cidade, que não foi só prejudicado pela pandemia, mas agravado por uma situação já existente.

A incorporação e valorização dos espaços livres do extramuros escolar – através das praças, ruas, largos, quadras, campos esportivos e parques públicos – se torna essencial nesse momento de retomada às atividades escolares pós-pandemia, pois centralizá-las novamente em ambientes fechados, significaria tanto aumentar as possibilidades de contágio, quanto apontariam a continuidade de um sistema tradicional falho, centrado em si mesmo, sem diálogos com a cidade. Acredita-se que é preciso mais que nunca, dar sentido ao território educativo existente, buscando um novo significado à escola.

*Giselle C. Gerson*



## Tenho sede

Às vezes consumimos textos que nos levam a olhar para o copo como “meio cheio”, como o que lemos do nosso estimado Tonucci, e infelizmente nos abtemos de discutir a seguinte questão: as aves que aqui gorjeiam, gorjeiam como lá? Nos trópicos, viver a infância, ou melhor, as infâncias, de maneira feliz e saudável, em casa e na cidade, na maioria das vezes não é tão cor de rosa como dizem ser no continente europeu. Aqui, as aves têm a intensidade de seu canto obliterados intencionalmente, e a depender da cor e do endereço do ouvinte, parte do canto é convertido em silêncio e silenciamento.

Daí a ideia de que talvez seja mais potente, então, alimentar nossa sede por igualdade de modo crítico e político, olhar pro lado cheio de ar, incontível que transborda todo o copo. Discutir a “pobreza infantil” com Sarmiento e ler as elucubrações do Boaventura, pensador anticolonial, de que “as pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga” nos aproxima mais das pertinentes e vitais problematizações, nos convida a tirar os olhos do imediatismo de ficar feliz ou não com a quantidade de água no copo para poder depararmos-nos, também, com suas ausências. Sabemos que há muitos copos, muitas infâncias, sempre no plural, e que a quantidade de água que repousa em cada recipiente chega de maneira discriminada. O copo mais cheio é o da infância branca e da cidade formal.

É vital que aprendamos com a cruel pedagogia que nos assola em nome de Sars- CoV-2. No momento em que vos escrevo, confirma-se a morte de 60 mil brasileiros. Se neste dado contabiliza-se uma porcentagem reduzida de crianças, vale lembrar então que dividimos também com elas todas essas perdas. Agora, crianças brasileiras, as que puderam sobreviver a ações genocidas deliberadas por seu

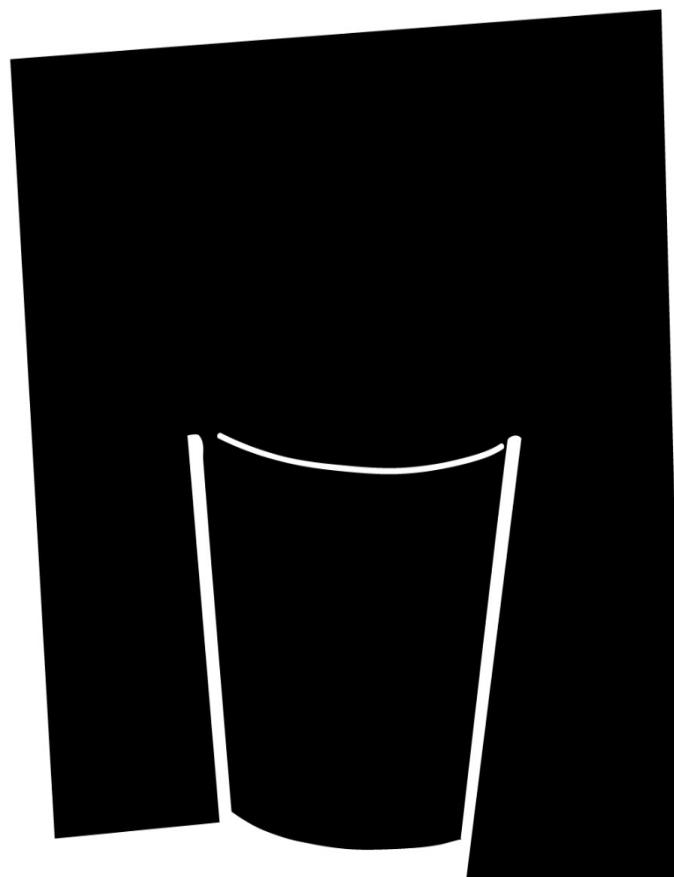


Ilustração: Daniel C. Mendonça.

próprio Estado, têm seus lares assolados pela falta de alguém de quem dependiam mas que sobretudo amavam. Ao mesmo tempo que precisam lidar com tantas outras faltas, algumas velhas conhecidas, como a fome. O que esperar de uma sociedade que ignora este fato?

Ficamos cada vez mais disformes e irreconhecíveis como grupo, como nação. A dinâmica do vírus catalisa relações de desigualdade que deixa ver

nitidamente que caminhamos pro lado oposto de termos sequer meio copo de água. Afinal, a recente aprovação da PL 4.162/2019 no Senado Federal corrobora em fomentar uma disputa econômica sobre 70% do corpo de cada brasileiro que hoje vive. No fim das contas, assegurar direitos básicos como a água é assegurar condição para que outros sejam efetivados. É preciso que trabalhemos inundando nossas narinas com as presenças ausentes de nosso dia a dia, nossas incompletudes, para que seja possível transbordar de água nossos copos e corpos.

*Daniel C. Mendonça*



Fonte: Carta Capital, imagem por Igor de Melo

O contexto de pandemia nos coloca em situações-limite que mais nos chamam a fazer questionamentos do que dar respostas. Isto não exige a academia de investigar e oferecer à sociedade e ao Estado o amparo científico para as decisões e para as políticas públicas. Mas há que se cuidar para não querer abarcar com teorias totalizantes a complexidade das dimensões envolvidas no contexto da própria pandemia (e do que se segue depois), sob

o risco de um revisionismo precoce das teses defendidas.

No âmbito da infância e das relações com a cidade, as desigualdades já postas em termos de acesso à infraestrutura urbana, como por exemplo, de abastecimento de água e saneamento, se exacerbam quando, por necessidade de profilaxia ao coronavírus, depende-se ainda mais da higiene. Não obstante o atendimento às medidas de quarentena

sejam impostos a todas as classes sociais, é evidente que nos assentamentos mais precários o confinamento doméstico em espaços exíguos não é efetivo. Adultos continuam buscando suas formas de sobrevivência, e as crianças, sem escola, continuam desassistidas, agora durante mais um turno, ainda que pesem iniciativas nas quais o conteúdo escolar continue chegando de forma precária.

A escola, agora fechada, instituição que oferece a possibilidade de formação educacional, mas também de assistência, seja por meio da merenda, do cuidado, representa uma lacuna social incalculável para as crianças, sobretudo àquelas que mais dependem deste espaço como suporte para sua sobrevivência e proteção.

Entre os questionamentos que se colocam estão: Em que medida as infâncias (pluralizadas por conta de seus diferentes contextos) passarão a ser foco de políticas mais eficientes e que, portanto, reforcem a família como locus de proteção e assistência? Como as desigualdades educacionais serão combatidas sem o efetivo aporte de recursos que leve a uma formação integral das crianças? Como se sustentam políticas neoliberais que continuam escolhendo os que devem morrer, os que devem ter acesso a água encanada, os que devem ter educação de qualidade? Como diz Boaventura de Souza Santos, o Estado neoliberal se revela incapaz de dar respostas a altura da emergência. Sendo assim, como, mesmo diante deste fracasso ainda mais nítido com a pandemia, este modelo de política se impõe inexoravelmente como caminho para o processo civilizatório?

*Alexandre M. Matiello*

## Infância, Espaços e Pandemia: o que esperar do futuro da educação?

Até o dia 11 de março de 2020, nós enquanto pesquisadores do GAE-UFRJ e colaboradores do Curso de Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos do Rio de Janeiro estávamos imersos em percepções e desejos de espaços livres retratados e imaginados por crianças de todos os bairros da cidade. A força das relações interpessoais bem como do espaço livre enquanto lugar eminente da vida social agora perduram na memória.

Dois dias depois tudo isso mudou. Escolas fechadas, praças vazias e ruas sendo apenas meios de circulação, se apresentaram como tempos desafiadores do que viria pela frente. Hoje, se aproximam os exatos quatro meses de aplicação normativa das medidas de isolamento e distanciamento social, e o que se vê a curto prazo são disparidades nas heterogêneas conjunturas da infância sob os tempos de Covid-19. A longo prazo, a chama por mudanças e a luz no fim do túnel permanecem apagadas.

É notório que este momento atípico pegou a todos desprevenidos. Em meio ao entrelaçar de crises no país, muitas são as angústias, suposições e perguntas sobre como serão os tempos futuros, e como essas novas condições irão afetar a vivência experiencial da criança na cidade.

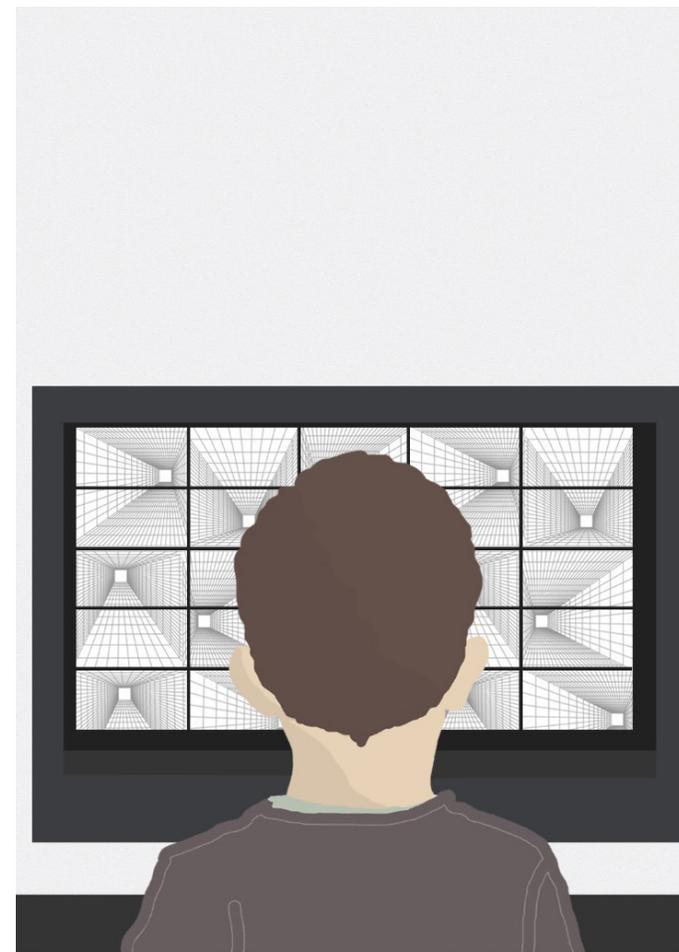
Na especificidade da quarentena, Tonucci (2020) reforça o campo das ideias lúdicas, práticas, encantadoras, e no mais, utópicas quando pensadas no todo. Olhar para a casa como ambiente educativo e promotor do desenvolvimento humano da criança é instigante e deve sim ser praticado. Entretanto, se torna evidente que isto é um privilégio restrito, enfatizado pelas condições de classe e raça, onde o confinamento convém se desenrolar como um lifestyle. No outro extremo, a cruel pedagogia do vírus (Boaventura, 2020) escancara as desigualdades, co-

nhecidas e criadas afastando ainda mais a proposição do ninguém fica para trás, A exemplo tem-se o aumento de casos da violência doméstica e do trabalho infantil, atingidos pela crise econômica, de influência direta nesta infância roubada.

Nesse meio, encontra-se a escola. O espaço cotidiano e polivalente da infância, que em seu modelo tradicional e falido de educação se viu reproduzido em corpo e matéria para os suportes online. Em salas de aula virtuais, crianças enfrentam a descoberta do mundo entelado, que desfaz a função da escola enquanto equipamento social, para garantir o cumprimento de calendários. A educação como mercadoria avança a passos largos no imaginário errôneo de produtividade, que entendem a acumulação de tarefas curriculares como algo positivo. As derivações dessas consequências no campo da saúde física e mental direcionam para um impacto prejudicial significativo na função reflexiva e social dessa criança no futuro.

A defasagem no ensino remoto não se restringe apenas às fragilidades que promovem impossibilidades de acesso. O estado psicológico e adaptativo dessas crianças precisam ser levados em conta na dinâmica pedagógica. Além disso, é preciso pensar também nesse professor(a) que em estado híbrido de docente e aprendiz, se viu tirado do seu cotidiano profissional e exposto em um mundo que desliga a voz coletiva e abre a privacidade individual. Cabe expor que a maioria absoluta desse grupo pertence ao gênero feminino, que em casos gerais acumulam papéis (domésticos, maternos, profissionais, entre outros tantos), exigindo ainda mais capacidades físicas e emocionais no articular de todas as funções.

O futuro da educação, portanto, só será de fato reformulado, quando o objetivo da escola enquan-



Fonte: Ilustração de Mariana Pereira com base em imagem retirada do site Diariocoimbra.pt

to mobilizador do pensamento, deixar de estimar exclusivamente a massificação de conteúdo e a lógica da produtividade por competitividade; e ampliar condicionantes que desenvolvam processos de aprendizagem e interações de experiência sócio-culturais. Isto definiria consequências diretas na melhoria dos espaços físicos, bem como na atuação coletiva da comunidade a qual a instituição se inse-

re. Enquanto isso, seguimos resistindo para que o viver na era do entelamento, entre as tantas variáveis e adaptações, não afete a característica principal do ser humano, a de ser um ser social.

Ainda que boa parte da sociedade caminhe em direções opostas - sem máscara, sem empatia e sem noção - há de ser necessário permear pela confiança de dias melhores. O anseio maior no momento é de que a proliferação do vírus diminua, mas que a proliferação de ações e políticas públicas concretas, pensadas para e com as crianças no contexto da educação formal extrapole os muros da escola e as telas de computador. Se o mundo não é mais o mesmo desde que os novos tempos começaram, por que o modus operandi da escola tradicional necessita ser?

*Mariana Pereira*



**O anseio maior no momento é de que a proliferação do vírus diminua, mas que a proliferação de ações e políticas públicas concretas, pensadas para e com as crianças no contexto da educação formal extrapole os muros da escola e as telas de computador. Se o mundo não é mais o mesmo desde que os novos tempos começaram, por que o modus operandi da escola tradicional necessita ser?**

## O Brasil visto pela janela

Há mais de quatro meses que a minha relação com o mundo exterior foi reduzida basicamente ao tamanho da minha janela. Logo eu, sempre indo e vindo, me vi estática e me tornei apenas um espectador distante. Confesso que passei por altos e baixos nesse período de confinamento, com grandes oscilações no humor e na disposição. Mas não posso jogar essa baixa na minha saúde mental somente no contexto da pandemia. Talvez ela tenha sido o estopim para que diversos outros problemas sociais, econômicos e culturais que sempre me impactaram tenham deixado ainda mais evidente como fui privilegiada por ter a infância que tive, ou por simplesmente poder ter tido uma infância. E como ainda sou uma adulta privilegiada.

As incertezas do que virá, do que será o País e o mundo pós-pandemia me causam angústia. Hoje, escrevo com o Brasil ultrapassando as 80 mil mortes e 2 milhões de casos. Esses números denunciam nosso fracasso como sociedade, como Nação. Fracasso que já nos acompanha há tempos. A primeira morte do país pelo Covid-19 ser de uma mulher, preta, doméstica em serviço, contrariando forçadamente as orientações de quarentena, escancara o racismo, as desigualdades e os privilégios que sempre existiram na nossa sociedade. As oportunidades de reclusão e de saúde não são as mesmas hoje porque nunca foram as mesmas. A desigualdade no Brasil possui cor, renda e territórios definidos. E por que não dizer faixa etária? Crianças e jovens negros, pobres e periféricos sofrem duplamente, expostos a pandemia e a política genocida do Estado. Como aconteceu com João Pedro, Ágatha e tantos outros.

Desigualdade e privilégio. Acredito serem essas as palavras que melhor sintetizam essa pandemia e o Brasil para mim. Enquanto houver a manutenção

das desigualdades e privilégios, vamos continuar banalizando mortes que poderiam ser evitadas. Sejam elas pelo vírus ou pela nossa necropolítica. São essas palavras que fazem com que naturalizemos o fato de crianças não poderem ir para escola ou sair de suas casas por causa de tiroteios, diversas vezes ao ano. De crianças, jovens e adultos pretos e pobres serem mortos. Do corte de verba em saúde e educação pública. Da falta de saneamento, da fome, do desemprego. Dos diversos tipos de massacres contra a população.

O fato é que este período está sendo de muitas reflexões e autocríticas. Para mim, as conclusões são

óbvias. Eu sempre fui, mesmo inconscientemente e involuntariamente, esse espectador distante e estático. Espero que nós, privilegiados, entendamos de uma vez por todas que o papel de espectador, porém beneficiado, não nos cabe mais e que nos eduquemos. Espero que quando pudermos sair de nossas janelas físicas, lutemos para que as estruturas mudem e que as janelas, portas e muros sociais sejam abertos. E que os corpos e vozes há muito silenciados possam, finalmente, ocupar os seus lugares de direito e serem ouvidos.

*Denise Pinheiro*



Ilustração: Rafael Diniz sobre foto de José Brito/ Facebook

“

**Desigualdade e privilégio. Acredito serem essas as palavras que melhor sintetizam essa pandemia e o Brasil para mim.**

## Infâncias e pandemia aqui no sul

Começo por escrever este texto eu estando emocionalmente exaurido. A pandemia, aparentemente sem fim para nós do sul global, atravessa não só nossos lugares mas esculpe nossos tempos acentuando nossas assimetrias. A leitura de Tonucci, Sarmiento e Boaventura, experientes navegantes de sonhos, me mostraram o que cada um vê desde sua janela em um isolamento que acabou para alguns mas continua para outros. A pandemia já dura 130 dias e 85,385 mortes, aqui no sul.

Desde a janela de Tonucci, encontrei uma reflexão sobre os laços afetivos dentro dos lares que tiveram a possibilidade de se resguardar. Nessa reflexão, achei curta a lista de aspectos considerados na constituição das infâncias em isolamento. Olhei de novo mas não achei e sai daí com um sabor agri-doce. Cansei de cair em discussões sobre o entendimento de uma infância idílica universal no qual enxerga-se apenas uma massa homogênea e com identidade única, esvaziando-a de subjetividade.

Apesar disso, percebi uma embestida narrativa bastante crítica sobre as repercussões do confinamento nas crianças. Propor para os pais ou responsáveis usar o tempo e espaço dentro de casa como laboratório para aprender com as crianças despertou em mim um questionamento sobre as diversas dimensões inerentes à preocupação tanto dos adultos e das próprias crianças e jovens de continuarem o ensino a distância no cenário pandêmico. Aqui no sul, o acesso ao ensino superior se dá através do exame vestibular; no norte, desde a janela de Tonucci, existe o acesso livre na maioria dos cursos de graduação. Se olharmos a não interrupção da continuidade do ensino básico como um dispositivo de contenção emocional nas famílias que buscam permitir-lhes uma mobilidade social aos filhos,

o ingresso à universidade adquire uma relevância importantíssima para diminuir a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento. Como se, nesse futuro incerto que está por vir, a Escola e seu deslocamento para dentro de casa trouxesse esperança. Aqui no sul. Sai daí reflexivo.



Fonte: Acervo GAE (2018)

Nosso terceiro navegante, Sarmiento, recebeu-me desde sua janela ainda aberta para o norte porém, de vez em quando, parecia que ele olhava pro sul. Multidimensionalidade, particularidades, ações específicas, mudanças nas condições de vida, são alguns possíveis caminhos para construir uma reparação histórica das infâncias de etnias, raças, diversi-

dades sexuais e de gênero empobrecidas ao longo do tempo aqui no sul.

Por último, a janela de Boaventura. Dele tomei emprestada a potência da palavra sul que intitula este texto. Compreendi a fragilidade do ser humano e belamente me foi narrada a alegoria da pandemia e os três principais modos de dominação disfarçados de unicórnios invisíveis a ser destronados: capitalismo, colonialismo e patriarcado.

Comecei exausto esse texto e acabo mais exausto ainda. Paciência. As infâncias aqui do sul continuarão brincando, interagindo, aprendendo e crescendo no espaço reformulado após essa quarentena discriminatória. Aproveitemos o tempo para olhar desde nossas janelas do sul os desafios que virão, as brechas a ser diminuídas e os equívocos por conservar nessa nova perspectiva de cidade que está por vir.

*Alain Flandes*



Viajei. Mas dentro de casa, vagando por cada lembrança de viagem, cada foto registrada pelas lentes de minha câmera, inúmeras e vívidas recordações: sabores e cheiros particulares dos lugares em que passei. Essas são as sensações que vêm acalentando meu coração nos últimos dias. Esses são os meus subterfúgios para tentar não me esquecer da vida como era antes. A realidade, despida de toda e qualquer fantasia, não é nenhum pouco convidativa.

Mais do que um aprendizado, acredito que este tempo em casa é o momento de refletirmos e valorizarmos a nossa vida e liberdade, como também para reconhecer a importância do trabalho dos profissionais da educação e da saúde - desses trabalhadores que mantêm a vitalidade da cidade. Mas infelizmente, diferente do olhar puro de uma criança e sua forma perspicaz e otimista de olhar para o futuro, há tempos meu modo de enxergar este mundo tem sido pálido e frio, frente a tantas notícias ruins e mal caratismo do homem, já não habita mais em meus olhos o mesmo brilho, só gostaria de poder transformar toda a angústia e inquietude em uma simples brincadeira de criança que se renova a cada nova mudança de humor.

Desassossego, preocupação e receio são algumas palavras que expressam o misto de sentimentos que têm pairado sobre meus dias de quarentena. Inquieta-me o fato de não sabermos o futuro que encontraremos quando este caos terminar, e sequer se irá mesmo terminar. Trata-se de um novo modo de vida, ao qual devemos nos adaptar? Que universidade encontraremos daqui a alguns meses? Em que circunstâncias retornaremos nossas rotinas? Quais dificuldades, além das já esperadas (os sucateamentos da educação), os docentes e discentes encontrarão? Estas são algumas das perguntas que

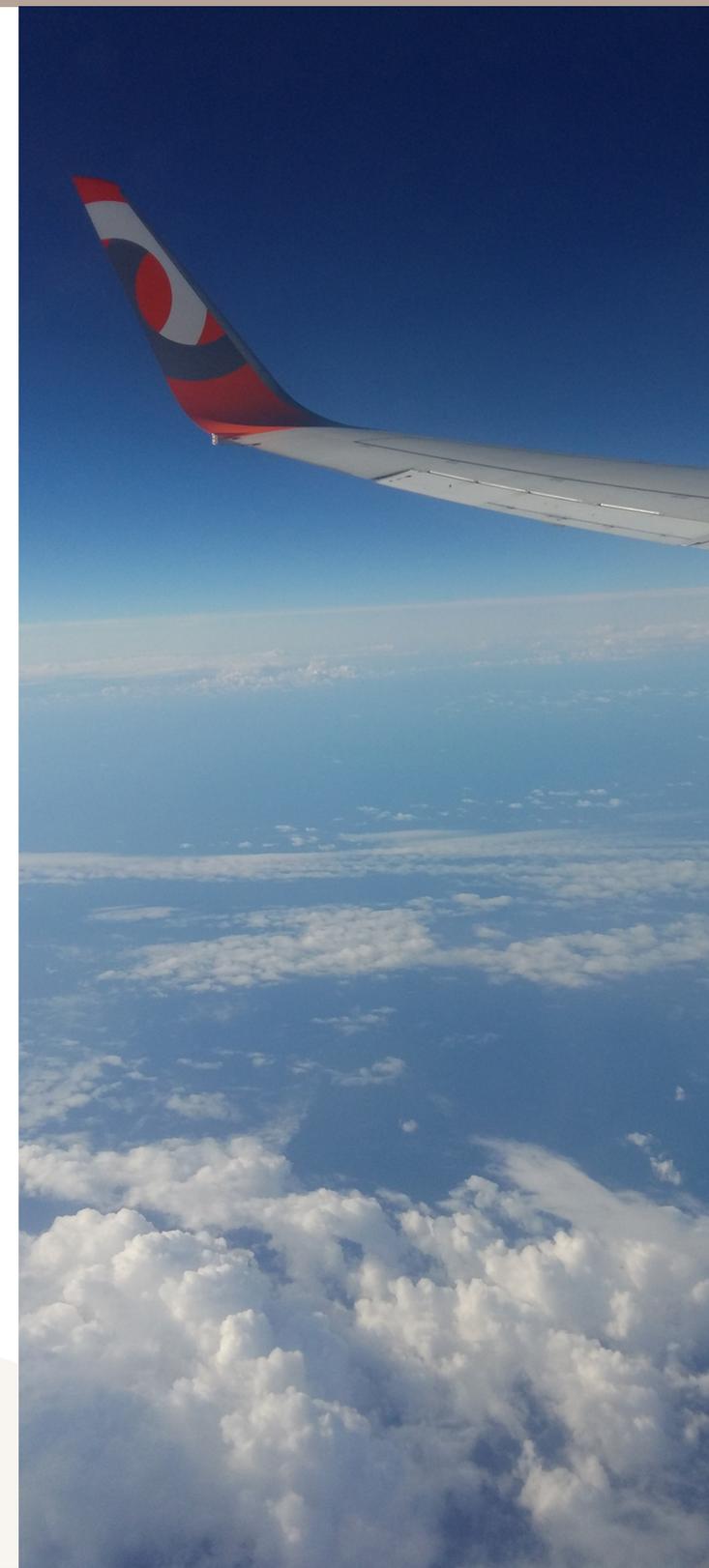
têm me tirado o sono, e cuja resposta eu ainda não tenho.

Sem mencionar o fato de a pandemia estar acumulando mais e mais vítimas, o sofrimento de milhares de brasileiros tem se tornado a grande parte de uma estatística, e na contramão de um sistema de saúde em colapso o nosso chefe de Estado nos responde com desdém, irresponsabilidade, incapacidade e falta de postura para governar, me fazendo desacreditar em qualquer perspectiva para esse país, e pela primeira vez me fazendo sentir envergonhado de pertencer ao mesmo.

Enfim, espero que possamos aprender com os erros acarretados pelas atitudes humanas desenfreadas e sem pudor e que as dificuldades nos transformem em seres mais fortes e conscientes de nossas atitudes para com o planeta. Sigamos o conselho de Francesco tonucci no qual mencionou na live realizada pela plataforma de educação Integratek: "as crianças de hoje, não tenham dúvidas, saberão inventar soluções (...) Quando tudo isso acabar, as crianças nos ensinarão algo. Deixem-nas sair, que confiemos neles e aprendamos com seu brincar", que possamos nos espelhar nelas para construir um futuro mais igualitário e coletivo, prezando pela vida humana independentemente de qualquer circunstância, sem deixar de esquecer os erros do passado. Por fim, deixo meu respeito a todas as famílias que passaram por perdas irreparáveis durante este momento cruel de nossa história.

*Yago Araújo*

Fonte: Yago Araújo



“

Viajei. Mas dentro de casa, vagando por cada lembrança de viagem, cada foto registrada pelas lentes de minha câmera, inúmeras e vívidas recordações: sabores e cheiros particulares dos lugares em que passei. Esses são os meus subterfúgios para tentar não me esquecer da vida como era antes.

## ***Desenvolvimento durante um estado de exceção***

Certamente as maiores calamidades que atingem as crianças são a violência e a pobreza. Nós do GAE tivemos a oportunidade de ver isso em uma nova escala no Rio de Janeiro. A negligência às quais as crianças novas e mais velhas são expostas causam danos profundos num efeito dominó, e pode ser que a sociedade colha os frutos deste tratamento de forma exacerbada devido à situação de pandemia em que nos encontramos, onde todas as situações são novas e intimidadoras. As atividades costumeiras pararam em todos os lugares, não sabemos ao certo o que se passa dentro das casas, e isso torna a tarefa de lidar com a pandemia mais difícil. De repente não saber é pior do que saber demais.

Há também a desigualdade, onde encontramos dentro da mesma escola crianças tão diferentes, com tantos níveis de desenvolvimento e particularidades. Algumas lutando mais do que outras para conseguir se tornarem que sempre deveriam ter sido. É um caminho tortuoso, com muitos obstáculos, e minha preocupação como arquiteta e urbanista em formação é a de propiciar oportunidades e ambientes para que esse potencial se realize, principalmente lugares onde possa haver pensamento crítico e estudo. Deixo aqui meu obrigada para todos os professores da rede pública de ensino.

Sabe-se também que o exemplo positivo pode não educar, mas o exemplo negativo certamente deseduca, e a ridicularização que a população brasileira passa neste momento devido às nossas políticas públicas de saúde e sanitárias pede medidas ousadas para fazer frente às pressões que nos desumanizam e nos deseducam. O mapeamento afetivo se torna uma ferramenta preciosa no esforço de dar visibilidade às crianças no meio desse caos, para que tenham uma infância criativa, sensível e segura.

Todas as histórias que li estão lutando para se manterem vivas, e se a pandemia é uma desgraça que nos acomete, que seja também momento de análise e preparação antes da volta às atividades.

Aguardo ansiosamente o momento em que as crianças vão poder retornar para seus amigos, seus professores e sua rotina nas escolas, que apesar de seus defeitos e limitações, ainda são um refúgio e espaço de brincadeiras que para muitos a própria casa não tem permissão de ser. Que seja possível um dia os territórios de aprendizagem se expandirem para toda cidade, e que ela se torne segura e atrativa também para as crianças.



*Amanda Duarte*

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/38345529@N05/5580825988>

“

**Aguardo ansiosamente o momento em que as crianças vão poder retornar para seus amigos, seus professores e sua rotina nas escolas, que apesar de seus defeitos e limitações, ainda são um refúgio e espaço de brincadeiras que para muitos a própria casa não tem permissão de ser.**

## Referências bibliográficas

1

### **TONUCCI: A casa como lugar de brincadeira e aprendizado durante a pandemia**

Tonucci, F. (18 de maio de 2020). Francesco Tonucci: a casa como lugar de brincadeira e aprendizado durante a pandemia. [Entrevista concedida a] Cecília Garcia. Portal Aprendiz, São Paulo. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/05/18/francesco-tonucci-casa-como-lugar-de-brincadeira-e-aprendizado-durante-pandemia/> Acesso em: 15 de junho de 2020.

2

### **TONUCCI: “Não percamos esse tempo precioso com lição de casa”**

Tonucci, F. (12 abril de 2020). Francesco Tonucci: “Não percamos esse tempo precioso com lição de casa”. [Entrevista concedida a] Ana Pantaleoni e Gianluca Battista. El País, Barcelona. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-12/francesco-tonucci-nao-percamos-esse-tempo-precioso-dando-deveres.html> Acesso em: 15 de junho de 2020.

3

### **SARMENTO: As crianças e os efeitos da crise pandêmica**

Sarmiento, M. J. (03 de junho de 2020). As crianças e os efeitos da crise pandêmica. Público, Lisboa. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/06/03/opiniao/opiniao/criancas-efeitos-crise-pandemica-1918960> Acesso em: 15 de junho de 2020.

4

### **BOAVENTURA: A cruel pedagogia do Vírus**

Santos, B. de S. (2020). A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina.



## FICHA TÉCNICA

**Título:** Manifesto Grupo Ambiente-Educação

**Autoria**

Coordenação: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

Alain Flandes

Alexandre Matiello

Amanda Duarte

Daniel C. Mendonça

Denise Pinheiro

Flávia Lima

Giselle C. Gerson

Juliana Mara B. M. Hybiner

Mariana Pereira

Rafael Diniz

Yago Araújo

**Equipe do GAE**

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo (Coord.), Paulo Afonso Rheingantz, Vera Tângari, Alain Flandes, Alexandre M. Matiello, Amanda Duarte, Daniel Mendonça, Denise Pinheiro, Flávia Lima, Flora Fernandes, Giselle Cerise, Guilherme B. Rodrigues, Juliana Mara, Mariana Pereira, Marllon Sevilha, Rafael Diniz, Rodrigo Costa, Yago Araújo.

**Design e Ilustração**

Rafael Diniz

**Julho, 2020**



Para mais informações, acesse nosso site  
[www2.gae.fau.ufrj.br](http://www2.gae.fau.ufrj.br)

Você pode nos encontrar também nas nossas redes sociais

